

[sem título]¹

JOSÉ MARIA DA SILVA

Cine Forum do Funchal

O ouvinte tradicional disciplinado exerce uma censura mutiladora da riqueza sonora envolvente da obra musical, para afunilar perceptualmente a música que quer ouvir.

A revolução musical de Cage insurge-se precisamente contra este género de atitude.

As suas teorias sobre música influenciaram vários músicos europeus como Stockhausen, Pierre Boulez e Iannis Xenakis. Pierre Boulez entretanto postula unicamente um «acaso controlado», sendo as possibilidades do intérprete, à partida delimitadas pelo compositor. É o caso da sua conhecida «Terceira sonata para piano» (1957). Stockhausen (exemplo, peça para piano XI — 1958), começou por estar a meia distância entre o «acaso controlado» de Boulez e a indeterminação total «de Cage» mas posteriormente aproximou-se mais do compositor americano como na composição «Originalis» (1961), em que chega a incorporar o «Happening».

Xenakis, introduz na música aleatória a teoria das probabilidades envolvendo o uso dos computadores.

Morton Feldman usava a aleatoriedade para criar obras entre um mínimo (nada tocado) até a um máximo (tudo tocado) escrevendo música de uma subtilidade que leva o som aos limites da audibilidade.

A música aleatória de John Cage é levada posteriormente a domínios musicais totalmente novos, casos de «Paisagem Imaginária n.º 4» (1951) para doze estações de rádio que se captam ao acaso, ou Paisagem «Imaginária n.º 5» para querrela e dois registos fonográficos.

As suas experiências sobre banda magnética e sobre meios-visuais, foram sintetizados em obras revolucionárias para piano e música de câmara como de «Music of Changes» Música for piano (1953-56) For e Percussions (1959) Variations I e II para instrumentos indistintos (1959-61).

Um caso estranho é o seu Atlas Eclipticalis (1961) que resultou de um «levantamento» musical sobre cartas astronómicas em que as estrelas ficaram transformadas em notas musicais.

John Cage tem dirigido cursos nos estúdios electrónicos de todo o mundo e ensinou regularmente na Faculdade da New School, em Nova Iorque. Escreveu dois livros: «Silence» (1961) e «A Year from Monday» (1967) em que disserta não só sobre música, mas sobre as suas concepções do mundo e inclusivamente sobre cogumelos — da que é um dos grandes especialistas (fundador da New York Mycological Society).

Cage é um dos músicos mais importantes do século, sobretudo na pesquisa musical independentemente da obra escrita. Propõe uma nova equação para o século XX — New Music: New Listening (nova música: nova audição).

Propõe um novo tipo de filosofia do fenómeno artístico e dos mecanismos da percepção. Ele pretende reorganizar o sistema de sons (não só a música) e criar uma consciência artística da ab total, catalizadora das inquietações críticas de meio século de especulação e investigação mundial no domínio da música.

John Cage, aspira a apagar cada vez mais as distâncias, as delimitações e a consciência ocidental post-cartesiana da ordenação, da dualidade. De futuro desaparecerão as fronteiras entre objectivo e o subjectivo, entre o intencional e o não intencional, entre a arte e a vida. Como no Zenbudismo, diz Cage «Não tenho nada a dizer, mas estou dizendo: «isto é música»».

JOSÉ MARIA DA SILVA

Reprodução do texto de José Maria da Silva incluso no programa dos *events* da Merce Cunningham Dance Company promovidos em Maio de 1981 no Teatro Municipal de Baltazar Dias (coleção particular)

O ouvinte tradicional disciplinado exerce uma censura mutiladora da riqueza sonora envolvente da obra musical, para afunilar perceptualmente a música que quer ouvir.

¹ Texto publicado no programa que acompanhou os dois espetáculos realizados pela Merce Cunningham Dance Company no Teatro Municipal de Baltazar Dias, nos dias 26 e 27 de maio de 1981. Promovida na Madeira pelo Cine Forum do Funchal, esta iniciativa contou com o apoio de, entre outras instituições, a Fundação Calouste Gulbenkian e incluiu a performance de *Event 1* e *Event 2*, a qual foi precedida por um “colóquio” preparatório, realizado a 24 de maio de 1981, na Sala de Congressos do Casino. Com coreografia de Merce Cunningham, direção musical de John Cage, direção artística de Mark Lancaster e produção de Charles Atlas, as duas performances contaram com a participação de quinze bailarinos (Karole Armitage, Lise Friedman, Judy Lazaroff, Louise Burns, Alan Good, Joseph Lennon, Ellen Cornfield, Neil Greenberg, Rob Remley, Merce Cunningham, Catherine Keer, Robert Swinston, Susan Emery, Chris Komar, Megan Walker) e de seis músicos (John Cage, Martin Kalve, Takehisa Kosugi, David Tudor). Antecipando a estranheza com que o público funchalense receberia estes dois *Events*, o programa abria com uma nota: “Apresentados sem intervalo, estes EVENTS consistem em bailados completos, excertos do reportório, e muitas vezes novas sequências organizadas para um determinado espectáculo e local, com a possibilidade de várias actividades acontecendo ao mesmo tempo - no intuito de promover não tanto um espectáculo de bailado com[o] a experiência da dança”

Agradecemos aos herdeiros de José Maria da Silva a autorização para republicarmos aqui o seu texto de 1981.

A revolução musical de Cage insurge-se precisamente contra este género de atitude.

As suas teorias sobre música influenciaram vários músicos europeus como Stockausen, Pierre Boulez e Iannis Xenakis. Pierre Boulez entretanto postula unicamente um «acaso controlado», sendo as possibilidades do intérprete, à partida [,] delimitadas pelo compositor. É o caso da sua conhecida «Terceira sonata para piano» (1957). Stockausen (exemplo, peça para piano XI - 1956), começou por estar a meia distância entre o «acaso controlado» de Boulez e a indeterminação total «de Cage», mas posteriormente aproximou-se mais do compositor americano como na sua composição «Originale» (1961), em que chega a incorporar o «Happening». Xenakis, introduz na música aleatória a teoria das probabilidades envolvendo o uso dos computadores [sic].

Morton Feldman usava a aleatoriedade para criar obras entre um mínimo (nada tocado) até um máximo (tudo tocado)[,] escrevendo música de uma subtilidade que leva o som aos limites da audibilidade.

A música aleatória de John Cage é levada posteriormente a domínios musicais totalmente novos, casos de «Paisagem Imaginária n.º 4» (1951) para doze estações de rádio que se captam ao acaso, ou Paisagem «Imaginária n.º 5» para quarenta e dois registos fonográficos.

As suas experiências sobre banda magnética e meios-visuais, foram sintetizadas em obras revolucionárias para piano e música de câmara casos de «Music of Changes» Música for piano (1955-1956) For a Percussions (1956) Variations I e II para instrumentos indiscriminados (1958-61) [sic].

Um caso estranho é o seu Atlas Eclipticalis (1961) que resultou de um «levantamento» musical sobre cartas astronómicas em que as estrelas ficaram transformadas em notas musicais.

John Cage tem dirigido cursos nos estúdios electrónicos de todo o mundo e ensinou regularmente na Faculdade de New School, em Nova Iorque. Escreveu dois livros: «Silence» (1961) e «A Year from Monday» (1967) em que disserta não só sobre música, mas sobre as suas concepções do mundo e inclusivamente sobre cogumelos - de que é um dos grandes especialistas (fundador da New York Micological Society).

Cage é um dos músicos mais importantes do século, sobretudo na pesquisa musical independentemente da obra escrita. Propõe uma nova equação para o século XX - New Music: New Listening (nova música: nova audição).

Propõe um novo tipo de filosofia do fenómeno artístico e dos mecanismos da percepção. Ele entende reorganizar o sistema de sons (não só a música) e criar uma consciência artística da obra total, catalizadora das inquietações críticas de meio século de especulação e investigação mundial no domínio da música.

John Cage, aspira a apagar cada vez mais as distinções, as delimitações e a consciência ocidental post-cartesiana da ordenação, da dualidade [sic]. De futuro desaparecerão as fronteiras entre objectivo e o subjectivo, entre o intencional e o não intencional, entre a arte e a vida. Como no Zenbudismo, diz Cage: «Não tenho nada a dizer, mas estou dizendo: 'isto é música'»

José Maria da Silva

Um dos fundadores e o principal mentor do Cine Forum do Funchal, instituição que dirigiu desde a sua fundação, em 1965, até 2004 (ano do seu falecimento), José Maria da Silva nasceu no Funchal em 1933, estudou filosofia na Universidade de Salamanca e formou-se em Direito em Coimbra. “A par da sua atividade profissional como advogado, José Maria da Silva dedicou grande parte da sua vida à instituição cultural que fundou e que seria, ao longo do tempo, muito mais do que um cineclube.”²

² Carlos Valente (2016), “Cine-Forum do Funchal”, *aprender madeira*. Disponível online em: <http://aprendermadeira.net/cine-forum-do-funchal/>.